

Rubem Braga Ausculta a Realidade Argentina

Futebol, Embaixador e Marinha

BUENOS AIRES, 8 de julho — Hoje foi um dia glorioso de sol, com frio moderado, mas o repórter não se animou a ir a Avellaneda assistir ao jogo de futebol Brasil x Argentina. Preferiu ficar na paz de um lar brasileiro, com um cigarro na mão esquerda e um copo de uísque na direita, vendo a televisão.

Este velho repórter tinha seus motivos: há dez anos atrás assistiu ao último jogo entre as equipes dos dois países. Os argentinos haviam jogado em 1945 no Rio e apanharam até da polícia. Em 1946 foi a vez dos brasileiros apanharem em Buenos Aires. Antes de começar a partida um jogador argentino que fôra machucado no Rio fêz a volta a todo o estádio, enfaixado como um inválido, para mostrar a ferocidade da torcida brasileira. Perto de nós os «pibes» cantavam estribilhos ofensivos ao Brasil. Aos poucos minutos de jogo não sei o que um argentino fêz a Domingos da Guia que êle o agarrou pela gola. Quando Jair, numa entrada inocente, mas demasiado brusca, quebrou a perna do veterano béque Salomon, o pau comeu, o jogo estêve interrompido mais de uma hora e os nossos voltaram ao campo mais por medo de serem massacrados no vestiário do que por vontade de jogar...

O repórter passou momentos desagradáveis e dez anos depois optou pela televisão.

Mas êste jogo do inverno de 1956 vingou a tristeza do encontro do verão de 1946. Foi bonito, foi limpo, foi admirável. A torcida aplaudia as boas jogadas brasileiras com naturalidade. Os jogadores argentinos e os nossos se comportaram maravilhosamente bem, e nem mesmo um «penalty» a nosso favor que o juiz deixou de marcar (o próprio locutor argentino o reconheceu) levantou protestos que dessem margem a aborrecimentos.

Isso vem, felizmente, consolidar um clima que na Argentina post-peronista o brasileiro sente com alegria: o de camaradagem. Fora de suas declarações formais de bons propósitos, Peron sempre fêz tudo para exaltar um sentimento de nacionalismo arrogante e exacerbado. Sentimos nos homens do atual governo uma cordialidade para com o Brasil que é demasiado calorosa para ser convencional.

Lembremos, para começar que o atual presidente e o atual vice-presidente foram ambos adidos à embaixada argentina no Rio. A boa impressão que êles trouxeram de nosso país não tem sido manifestada somente em palavras como também em atos concretos.

O EMBAIXADOR ORLANDO LEITE RIBEIRO Em nosso falecido «Comício» Joel Silveira fêz uma reportagem sôbre Orlando Leite Ribeiro com o seguinte título: «Amigo de

(Conclui na 13.ª página)

FUTEBOL, EMBAIXADOR E MARINHA

(Conclusão da 1.ª página)

Prestes e de Getúlio — e isso foi numa época em que os dois líderes estavam bem separados. Mas se tem uma grande capacidade de conquistar e conservar amigos, Orlando Leite Ribeiro tem também uma notável capacidade de fazer e acirrar inimigos. Seu temperamento franco, leal, arrebatado e pugnaz explica as duas coisas.

Não conheço em minúcias a atuação de Orlando Leite Ribeiro como embaixador do Brasil em Buenos Aires, mas honestamente pelo que pude observar aqui, nas duas vezes em que estive na Argentina — no ano passado, ainda no tempo de Perón, e agora, minha impressão é muito boa. Eu tinha ouvido críticas à sua atuação dentro do Itamarati, onde ele tem numerosos inimigos. Essas críticas não me convenceram. De um modo ou outro, a verdade é que neste momento ele sai de Buenos Aires deixando um clima esplêndido de entendimento e aproximação entre os dois países.

O INCIDENTE COM ARAMBURU

grossense, aonde deve chegar no dia 24 deste mês.

Esses pequenos mas significativos gestos são a demonstração de um espírito de camaradagem a que as nossas autoridades devem estar atentas, e retribuir da melhor maneira, para cimentar a amizade argentino-brasileira, verdadeira garantia de paz e cooperação na América do Sul.

11/7/50

AS DUAS MARINHAS

Podemos classificar de excepcionalmente boas — não apenas de cortesia, mas de verdadeira e leal camaradagem — as relações entre nossa representação em Buenos Aires e as altas figuras do governo argentino. Isto se acentua no terreno militar. Nosso adido militar é amigo pessoal do presidente Aramburu, e nosso adido naval tem encontrado por parte do almirante Rojas uma boa vontade muito além dos limites convencionais.

Vou referir três fatos que mostram uma especial aproximação entre as Marinhas dos dois países.

O primeiro foi a visita ao Rio de Janeiro, em dezembro último, de três navios de guerra argentino como toda a Escola Naval, cerca de 600 guardas-marinhas, que passaram o Ano Bom em nossa capital. O segundo foi por ocasião da Quarta Regata Internacional Oceânica Buenos Aires-Rio. Durante as regatas anteriores os navios de guerra que combolavam os veleiros não tinham um comando único. Os brasileiros iam por seu lado e os argentinos pelo deles. Desta vez estabeleceu-se um comando único, que foi argentino até o paralelo 34 (altura de Punta del Este) e brasileiro daí para o norte. Assim os cinco navios brasileiros estiveram sob comando argentino e depois os dois navios e os aviões argentinos sob comando brasileiro.

Um terceiro gesto de cordialidade e aproximação se prepara agora: a 11 de julho parte de Buenos Aires o rastreador «Robinson», que vai até Corumbá. Esse navio mineiro é o primeiro navio de guerra argentino que visita aquela cidade mato-